

**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
EMMANUEL LEVINAS**

**ÉTICA, DIREITOS HUMANOS E PÓS-HUMANISMO**

---

E84

Ética, direitos humanos e pós-humanismo [Recurso eletrônico on-line] organização IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas – Belo Horizonte;

Coordenadores: Felipe Rodolfo de Carvalho, Fernando Genaro Junior e Marina Araújo Teixeira, 2019.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-00-00045-0

Modo de acesso: [www.conpedi.org.br](http://www.conpedi.org.br) em publicações

Tema: “O sentido do humano: ética, política e direito e tempos de mutações”.

1. Ética. 2. Direitos humanos. 3. Humanismo. IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas (1:2020 : Belo Horizonte, BH).

CDU: 34

---



## IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL EMMANUEL LEVINAS

### ÉTICA, DIREITOS HUMANOS E PÓS-HUMANISMO

---

#### **Apresentação**

Os textos reunidos nesse volume constituíram o debate desenvolvido pelos autores no Grupo de Trabalho sobre Ética, direitos humanos e pós humanismo durante o IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas – O sentido do humano, fruto da parceria entre o Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Direito (CONPEDI), a Escola Dom Helder (EDH) e o Centro Brasileiro de Estudos Levinasianos (CEBEL).

Com muita competência e interpretações ousadas, as pesquisas apresentadas em Belo Horizonte e agora disponíveis para o grande público assumem o desafio de pensar a herança moderna de diversos conceitos fundamentais que, mais do que nunca, exigem um esforço de apropriação para a compreensão do nosso tempo. Assim, o leitor poderá acompanhar discussões sobre responsabilidade, justiça social, ação, liberdade e sociabilidade tomadas por um influxo contemporâneo do problema da alteridade de expressão levinasiana.

Belo Horizonte, novembro de 2019

Os organizadores.

**ELOGIO DA IN-SUBMISSÃO: LEVINAS E A PROFANAÇÃO DO  
IMPROFANÁVEL**

**ÉLOGE DE L'IN-SOUMISSION: LEVINAS ET LA PROFANATION DE L'  
IMPROFANABLE**

**Klinger Scoralick**

**Resumo**

Neste ensaio queremos apresentar uma formulação sobre o pensamento de Levinas que faz referência à insubmissão.

**Palavras-chave:** Levinas, Insubmissão, Profanação, Ética, Política

**Abstract/Resumen/Résumé**

Dans cet essai on veut présenter une formulation sur la pensée de Levinas qui fait référence à la insoumission.

**Keywords/Palabras-claves/Mots-clés:** Levinas, Insoumission, Profanation, Éthique, Politique

*O mundo somente será salvo, se o pode ser, pelos insubmissos. Sem eles, teríamos o fim de nossa civilização, de nossa cultura [...]. Eles são [...] o “sal da terra” e os responsáveis de Deus.*

*Gide, Journal II, p. 1026*

A afirmação de Gide, publicada no *Journal* em 24 de fevereiro de 1946, é provocativa e remete aos rastros de uma herança que disseminou um pensamento sobre a desobediência/resistência, que percorre a boca, a escrita e os gestos de La Boétie, Thoreau, Tolstoi, Gandhi, Luther King – e também, para citar outros nomes, faz menção a Marx, Mandela, Marielle Franco, Dom Pedro Casaldáliga, Irmã Dorothy Stang, Madre Teresa, Dom Helder Câmara, Irmã Dulce, Chico Mendes, Malala Yousafzai, Paulo Freire, Frei Tito, Zumbi dos Palmares, Paulo Guajajara, Olga Benário, Papa Francisco, Irena Sendler, Maximiliano Maria Kolbe, Cacique Raoni, Ailton Krenak, Erasmo Alves Teófilo, Francisco de Assis, Maria da Penha... e quantos mais – herança dentro da qual eu também incluiria Levinas, o “filósofo da ética”. Levinas um insurgente? É possível pensar a ética a partir da insubmissão em Levinas? Sim, e é uma exigência e in-condição de seu próprio pensamento, eu diria. O tema se desdobra a partir de sua própria escrita. Nesses termos, apresento aqui um ensaio de crítica à totalidade. É do que se trata.

É preciso notar que todos os fios da obra de Levinas perpassam e são perpassados por um “nó de obediência”, que se anuncia como um “sim” à transcendência, que se diz em termos de uma passividade mais passiva que toda passividade, isto é, significação do que se denomina *acolhimento*, receber em sua morada o estrangeiro, a ideia do infinito. E é por meio desse nó de obediência que a costura da insubmissão é tecida. A ética, para Levinas, é um discurso sobre a obediência, que se apresenta como “temor do Céu” (ADV, 116), temor pelo outro ou tremer diante do mistério do outro<sup>1</sup>, sob a indicação de uma

---

<sup>1</sup> O temor e o tremor não são abstrações conceituais. Teme-se pela morte de alguém, teme-se pela possibilidade de matar alguém etc. O tremor não é uma abstração conceitual ou uma ideia qualquer, e, certamente, podemos nos referir a ele em seu modo mais específico, isto é, enquanto movimento muscular involuntário. Trememos quando estamos diante do desconhecido, do não-familiar, de um mistério. Uma situação de perigo, uma forte emoção, uma excitação emocional ou sexual pode nos fazer tremer.

trama de indeterminação assimétrica – a alteridade do outro é totalmente outra, obsedante acusação persecutória até o mais íntimo de si, ao que se pode chamar de responsabilidade. Paradoxalmente, a noção de obediência não faz referência a uma ideia de subordinação e, em absoluto, ela remete a uma concepção de servidão; antes, seria doação, oração, assimetria. Não se sustenta em seus textos a ideia de que a subjetividade (humanidade do homem), definida desde a obediência à lei do outro signifique subserviência ou um estado de submissão à tirania de um senhor. Antes, diz-se sobre a precedência de outrem em relação ao eu, trama de uma in-condição assimétrica que rege toda relação a outrem – *autrement qu'être*. “Primeiro você!”, diz Levinas. As postulações levinasianas são contrárias ao que poderia afirmar La Boétie em seu *Discurso da servidão voluntária*, quando ele se pergunta sobre o porquê de aceitarmos voluntariamente a dominação. La Boétie se questiona sobre a obediência, sobre a servidão e a adoração aos tiranos. Questiona-se ele sobre a aceitação da própria miséria, que mantém os súditos submissos a toda sorte de violência – condição própria da totalidade.

Que desgraça é essa? Com que desgraçado vício deparamos nesta cena: uma incontável multidão de pessoas que não apenas obedece, mas serve; não é apenas governada, mas tiranizada; pessoas despossuídas de bens, sem família, homens sem mulheres, gente sem filhos, nem mesmo suas próprias vidas estão em suas mãos! Sofrendo saques, ofensas de todo tipo, crueldades [...] de um só homem. [...] Chamaremos esse vício de pulsilanimidade? [...] Mais do que covardia, não seria isso apatia ou indiferença? (LA BOETIE, 2016, p. 18-19)

Levinas propõe uma obediência estranha, ou ambígua, que eu chamaria de in-submissa ou não-indiferente, que se ancora em uma subjetividade para-o-outro enquanto horizonte de possibilidades da ação ética e política, *posição* que não se encontra “sob grilhões” (ROUSSEAU, 1964, P. 351). Trata-se de uma obediência que é anterior à “consciência de...”, à doação de sentido, à liberdade, ou melhor dito, obediência a um passado imemorial – e que, por sua vez, implica em desobediência, insubmissão, resistência à servidão. Diz assim Levinas em *Quatre lectures talmudiques*: "Existiria um pacto com o bem anterior à alternativa do bem e do mal." (p. 95). Trata-se de um pacto que não se inscreve na ordem do dito, mas do Dizer, em uma linguagem que nos impulsiona, em meio ao dito, à transgressão e à resistência pela via da passividade, a tudo aquilo que se impõe como vigência da ordem do *já decidido*. O que faz guiar nosso agir? Ao que obedecemos? Por certo, o “sim” e o “não”, no campo da ética e da política,

ancoram-se nas estratégias do cálculo que regem os pactos, mas também estão para além deles, sob uma inspiração anárquica. É isso o que, em parte, pretende indicar a obra de Levinas e sua crítica à totalidade. É preciso comparar os incomparáveis, mas respirando-se um “sim mais antigo”, aquilo que guia a direção do cálculo, mesmo que tortuosamente. Recusando a dominação e a violência que se desdobra e transborda no horizonte do ser, a obediência sobre a qual faz menção Levinas alude à trama da multiplicidade do real – dos incomparáveis –, da não-indiferença que sustenta sua noção de responsabilidade – subjetividade.

O problema da obediência aponta, invariavelmente, para a questão da subjetividade e ao que se denomina, amplamente, “ética”. Os contornos que são dados ao tema da subjetividade em seus textos afirmam que a constituição original do sujeito é um *sim incondicional* à exterioridade, ao infinito – o que em *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence* (1974) se diz através da expressão “outro-no-mesmo”. Essa *in-condição de assimetria* impõe ou faz revelar uma fissura ou uma separação incontornável na relação ao outro, evidenciando a própria in-condição de possibilidade de se dizer “eu” em primeira pessoa. Há um “sim” em cena, mais antigo que toda antiguidade, “sim” imemorial, rastro que comanda toda liberdade e que a coloca sob espera – esperança do por-vir –, ordenando a alguém que se interrompa a intenção de violentar ou de matar outro alguém (“Não faça isso! Espere!”). Chama-se a isso, também, de liberdade investida (cf. *Totalité et infini*), ou ao avesso, comandada pelo Outro (e que não permite que se possa afirmar “sou livre”, na medida em que não há garantia de liberdade para todos – ou somos todos livres ou não há liberdade). O Outro nos investe de liberdade: diga-se, difícil liberdade. A responsabilidade se faz desenhar na resposta que se dá à liberdade de Outrem, em escuta ao seu apelo “não me mate”, “tenho sede”, “tenho fome”, e de um modo geral, em atenção a toda *diferença*. Trata-se, em última instância, de um gesto de obediência ao que Levinas chamará de “honra original” (TI, 177)<sup>2</sup> – ou ao que poderíamos chamar, com Derrida, por exemplo, de uma “obediência à injunção”, como se pode ler em *Espectros de Marx* – obediência aos rastros do infinito, da alteridade, da diferença. Essa obediência seria uma espécie de chama subversiva inscrita no coração do eu, um tipo de chama sem pavio (como se ouve em “Clube da Esquina n. 2”), e sem horizonte.

---

<sup>2</sup> A indicação das obras de Levinas será feita por siglas em maiúsculo – as quais estão devidamente indicadas na referência bibliográfica – acrescidas, na sequência, após vírgula, pela página correspondente da citação.

Mas, seria possível pensarmos em uma obediência que não se encontre sob o registro da servidão? – pergunto-me com La Boétie. De que modo o “sim” da obediência estaria relacionado à insubmissão? Mais. (Des)obedece-se a(o) que(m)? A(o) que(m) se diz “sim”, “aqui estou”, “pois não”? Seria ao espectro de um tirano?

Não se pode desprezar a ideia de que há uma obediência em curso, a saber, a obediência ao ser. De igual modo, não se deve negligenciar que, no ser, há servidão, submissão e adoração. Lembremo-nos, por sua vez, que a “ética como filosofia primeira” é, sobretudo, um “não” à totalidade (*non, nom*), “não” que nunca se apaga ou se curva, isto é, a ética afirma-se como um gesto de resistência às investidas daquilo que reduz a multiplicidade do real ao jogo do mesmo. Levinas recusa veementemente e se insurge contra a primazia da ideia que afirma que o sentido se reduz ao ser – eis o aspecto capital de sua escrita, que se articula como uma trama da não-indiferença ou de crítica à totalidade (afinal, onde não é possível realizar a diferenciação tudo termina por se tornar indiferente, indiferença). Portanto, não há para Levinas um destino ontológico sob o qual resta o sujeito entrelaçado a amarras e que o preserva afogado, submerso no horizonte em que as coisas são e têm que ser. O ser está aí. Mas não haveria mais que ser? Levinas nos ajuda a pensar que não há apenas ter-que-ser<sup>3</sup> e o esforço de nos mantermos na essência. Aliás, a preservação tende à falência<sup>4</sup>, à degradação. A *conação de ser é o mal radical* do qual se pretende saída. Levinas aponta para um des-inter-essamento contra a persistência ancorada na epopeia da essência, que se realiza na luta de todos contra todos; busca

---

<sup>3</sup> O termo ter-que-ser (*Zu-sein-haben*), de Heidegger, está associado, na obra de Levinas, à noção de *conatus essendi*, “conação de ser”, de Spinoza. (EN, 10). Por definição, a essência se exerce “como uma invencível persistência na essência, preenchendo todo intervalo de nada que venha interromper seu exercício. *Esse é inter-esse*. A essência é interessamento.” (AE, 4). Para além da essência, a “subjetividade do sujeito é a responsabilidade ou o ser-em-questão” (AE, 142), que se manifesta no arrebato pela pergunta endereçada por um passado imemorial e anárquico — alteridade. É através da noção de *substituição* (outro-no-mesmo), ponto mais alto do itinerário da subjetividade na obra de Levinas, que a análise de *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence* irá se desenvolver, onde abre-se a possibilidade de um descolamento, *para além*.

<sup>4</sup> Há um gesto de falência que atravessa o “projeto” da “ética da alteridade”. O ato ou o efeito de falir arma-se pela torção daquele que fala, quem diz o sujeito. O tema da subjetividade em Levinas, que se oferece desde o atravessar da alteridade no âmago do mesmo, coloca em evidência a vulnerabilidade própria daquilo que não resiste à aproximação da alteridade, o eu. A questão da falência aí se torna um componente marcante e significativo, pois a subjetividade passa a ser descrita como vulnerabilidade, sensibilidade, ruga, contato pele sobre a pele, envelhecimento, entre outros termos que Levinas usa para traçar, digamos, o retrato da aproximação (ética) que afeta ou desconcerta os termos de uma hospitalidade condicional. Também se pode notar sinais de falência em Levinas desde *De l’existence à l’existant*, texto de 1947 em que ele descreve a preguiça, o sono, o cansaço e toca a questão do corpo enquanto resistência ao ser. A falência se faz pensar pela noção de corporeidade, e isso será exposto de forma mais intensa em 1974. É o corpo que em última instância está a ruir, consumido quase ao ponto da aniquilação – corpo cativo, envelhecido, cansado, sem memória, ferido, sofrido, pó. Levinas faz uso de muitos termos correlatos para exprimir a relação à alteridade inscrito em um gesto de falência.



evidenciar o acontecimento que escapa ao *faro animal*, refutando, assim a fraternidade cainésca, as razões do estômago. Enfatiza-se a interrupção do exercício do ser, a fratura da ordem daquilo que preenche todo intervalo e torna tudo *um* e in-diferente. Toda a obra de Levinas se apresenta como um gesto de romper a clausura que o ser impõe aos existentes. E nesse sentido, vale lembrarmos das noções de sono, preguiça, cansaço, fissura, entre outras, que são indicativos de uma fenomenologia da resistência, de um “não-ter-que-ser”.

Para Levinas a subjetividade é resistência de muitos modos, e, pode-se afirmar, desde o seu “nascimento”. O sujeito marca sua posição em meio ao ser, afirma-se ou surge, por uma retração ou distração. Os elementos, os estados de consciência que descrevem a hesitação que torna possível a subjetivação do sujeito revelam uma profundidade subjacente — caminho por dentro do ser que se traduz como preguiça, cansaço, sono. Levinas quer evidenciar o fato de que existe uma falta de firmeza diante do esforço (e do todo). Não está o sujeito predestinado ao esforço. Em meio ao ser há uma luxação em relação a si mesmo, um cansaço de ser. Dessa forma, é pela dinâmica do repouso, de modo geral, que se fortalece, em meio à existência, o surgimento de um existente, seu nascimento — que se dá por meio daquilo que evita a permanência, inscrição de uma passividade no âmago do ser. Eis uma primeira “situação” de insubmissão. A isso chama-se hipóstase<sup>5</sup>, subjetivação do sujeito, movimento de passagem do verbo ser ao substantivo em meio ao sem começo e sem fim do ser impessoal, movimento em direção à consciência. “A hipóstase, a aparição do substantivo, não é somente a aparição de uma nova categoria gramatical; ela significa a suspensão do *há* anônimo, a aparição de um domínio privado, de um nome. Sobre o fundo do *há* surge um ente.” (DEE, 141). Trata-se de um não, um rosto, um nome — *um nome eterno, que nunca se apagará* (Isaías, 56:5).

Resistindo a toda indeterminação do *há*, que despersonaliza ou de-substancializa o eu, a hipóstase promove um abandono do *se é* e inaugura o *eu sou, maneira de ser*. Caracterizada como um refúgio, um recuo dentro da própria existência — abalo da suficiência do ser — o movimento hipostático abre espaço para uma vida interior (psiquismo), um acontecimento no ser, conforme irá afirmar Levinas na primeira seção

---

<sup>5</sup> “A hipóstase, a aparição do substantivo, não é somente a aparição de uma nova categoria gramatical; ela significa a suspensão do *há* anônimo, a aparição de um domínio privado, de um nome. Sobre o fundo do *há* surge um ente. A significação ontológica do *ente* na economia geral do ser — que Heidegger coloca simplesmente ao lado do ser por uma distinção — encontra-se, assim, deduzida.” (DEE, 141).

de *Totalité et infini* e que também será denominado pelos termos "separação" ou "ateísmo", resistência à totalidade. O eu é um "não". Esse movimento de entificação resguarda o eu do jogo inscrito no ser através do estabelecimento de uma base, uma habitação. Vale ressaltar que a posição que aí se afirma, o aqui da consciência, não se refere ao *Da* (aí) do *Dasein* da analítica existencial de Heidegger. "O lugar, antes de ser um espaço geométrico, antes de ser um ambiente concreto do mundo heideggeriano é uma base." (DEE, 122). O *Da* heideggeriano pressupõe o mundo e sua compreensão, todo horizonte e todo tempo. O *aquí*, por sua vez, precede a compreensão, ele "é o próprio fato de que a consciência é origem, de que ela parte de si mesma, de que ela é *existente*." (ibid.). O sujeito assume um ponto de partida, de onde pode se desembaraçar e se assenhorar, desde uma base gerida por estados da consciência; ele não se põe, antes é a posição, irrupção: evento a significar que o corpo é o advento da consciência. Ou seja, o lugar não é uma coisa, mas corporeidade. E esse "lugar" resiste à totalidade.

Dá-se destaque para o fato de que a proposição da *ética levinasiana* busca atingir o coração da filosofia em sua suficiência, o âmago de uma verdade que foi herdada do poema de Parmênides e que se consolidou como princípio para todo filosofar ao estabelecer a coincidência entre *ser e pensar*. A gênese da totalidade ou do pensamento metafísico repousa sobre essa máxima parmenidiana, da qual deriva o *modus operandi* do pensamento ocidental, e faz impor aí sua clausura. Tocando o modo absoluto da formulação de Parmênides (e de toda tradição metafísica que se estende até Heidegger), a escrita de Levinas propõe uma suspensão fenomenológica sobre os *modos de ver e de compreender a realidade*, que foram consolidados pela tradição, indicando, por sua vez, ou fazendo expor uma linguagem em que sentidos múltiplos "se erguem e vibram em cada dizer" (QLT, 13). Suspende-se a "conação de ser" e, por conseguinte, a totalidade que dela transborda, todo o suor frio que dela escorre, isto é, toda a nervura do real, suas vísceras, o próprio limite do ser e a violência que com ele caminha de mãos dadas. Há mais que ser? Um passo adiante.

Em 1935 é publicado *De l'évasion*, texto no qual se encontra a indicação de um jogo de cartas marcadas (ontologia), dispostas sobre a mesa em um enquadramento "sem saídas" – improfanável, eu diria, ou quase-kafkiano, ou mesmo imperceptível, invisível. Esse texto dos anos 30 apresenta uma descrição aguda da ambiência do estado das coisas sob a trama do trancamento no ser, do encerramento no todo da totalidade (Cf. *Totalité et infini* e *Quelques réflexions sur la philosophie de l'hitlérisme*). Levinas alude a um estado

de enclausuramento ontológico<sup>6</sup> (inclui-se aí a ideia do cativo que depois aparecerá nos *Carnets de captivité*) e à necessidade, inscrita no próprio ser, “*de quebrar o encadeamento mais radical, o mais irremissível, o fato de que o eu é si-mesmo.*” (DE, 98). Pois, descreve *De l'évasion* a situação de trancamento (não-intervalo), condição ontológica na qual estamos encerrados, e, ao mesmo tempo, a necessidade ou a urgência de saída desse “lugar”. Em outras palavras, diz que há ser e que também há ânsia de não mais ser – mas não se trata aqui de desejo de morte ou de uma defesa do suicídio. Levinas quer indicar – em oposição às teses de *Ser e tempo* – que há uma fatalidade inscrita no estar aí abandonado às possibilidades do ser. Não haveria, para Levinas, generosidade no *es gibt* heideggeriano, que faz circundar fronteiras intransponíveis. No ser não há transcendência, mas paralisia (e desespero), isto é, pode-se dizer sobre uma “existência sem mundo” (Cf. *De l'existence à l'existant*), ou um mundo sem acessibilidade, em um sentido amplo e estrito do termo, em que o “excesso de movimentação, longe de ser testemunho de exuberância, trai justamente o abismo de sua ausência.” (TIMM DE SOUZA, 2010, p. 33). O que Levinas pretende criticar é o *ensimesmamento* que se inscreve no âmago da ontologia, esse destino de Ulisses ao qual nos encontramos presos, atados (e tiranizados?). Apesar de todo ganhar-se, de todo apropriar-se (*Eigentlichkeit*) as coisas tendem ao mesmo, à mesma exploração, à mesma obsessividade circular, à mesma agonia sisífrica, etc. O mundo encontra-se *já decidido*; para uns mais, para outros menos, mas *sempre decidido*. Nesse sentido, pode-se observar uma submissão adjacente à ontologia, que não se faz superar através do alargamento dos círculos hermenêuticos ou por uma tomada de consciência, que são apenas expansão da totalidade. Rendemos obediência à totalidade, encontramos-nos nela mergulhados, atados a ela. E nesse sentido, é preciso entender ou reconhecer essa posição em meio ao ser, para que se possa situar o “onde” das coisas, o “de onde”, o “aonde”, o “nós” e, conseqüentemente, a reprodução da violência e a inamovibilidade improfanável – de onde eu falo? com quem eu falo? para quem eu falo? por que eu falo? etc.

---

<sup>6</sup> Primo Levi, que testemunhou o horror da Shoah, diz que a “lógica dos Lager” é capaz de degradar o humano, produzindo um aprisionamento que não é apenas externo, mas de si a si, ao modo de uma evasão e de uma vergonha sem fim. Pois, a degradação converte-se em impossibilidade da ética, através do esgarçamento sistemático da relação ao outro – a deportação, o terror, a humilhação, a violação, o desnudamento, o frio, os maus tratos, a fome extrema, a sede insana, o trabalho forçado, o cansaço, o fuzilamento, as câmaras de gás, o crematório etc, transformam tudo ou quase tudo em sobrevivência. *Primeiro eu, depois você!* Levinas não deixa em um momento sequer esse drama de lado. E para lê-lo, é preciso ter em consideração que se está diante de um sobrevivente, de uma ética para sobreviventes, de uma ética sobrevivente. Alguém sempre transpira e resiste, e a palavra não se faz paralisar sem mais. O outro chega até nós. Para tanto, é preciso falar da subjetividade e de sua in-submissão.

Cerca-nos, assombrosamente, a totalidade. Contrariamente à suposta generosidade inscrita no horizonte do ser, no ser, o que se observa é privação, privação de transcendência, de movimento. Não há como escapar das fronteiras que o ser demarca, de tal modo que a presença do ser interrompe a mobilidade dos entes, dos corpos. Note-se – dou destaque – que em meio à trama do ser, trama da totalidade, há corpos interrompidos, obliterados, abandonados, vilipendiados, que, entre outras coisas, padecem cotidianamente da violência-quase-sem-fim das normatividades identitárias/políticas/econômicas..., tanto quanto inclinam-se ao esforço da produtividade e à exploração. (A economia em sua lógica do capital pode impor uma miséria que escraviza ou mercantiliza até a queadura do suor, fazendo com que se creia piamente em máximas que rondam o espírito do capitalismo, tal como a que diz “quem dorme sonha, quem trabalha conquista” ou que pressupõe que para alcançar o “sucesso” basta sonhar, acreditar e trabalhar. É preciso entender – para que se possa insurgir – que o “mundo empreendedor”, da “direção certa” do mercado, impessoal, dissemina uma falsa ideia e imagem sobre o real – através de incontáveis e complexas frentes e fontes – que afirmam que se não há “portas”, ou se elas se encontram trancadas, basta tão-somente um gesto de ousadia e/ou de coragem para se criar uma; pobres podem/devem poupar, empreender e também adquirir o seu milhão de reais tranquilamente. Se há portas fechadas o caminho de transposição desse problema é simples: “pare de reclamar e trabalhe”, pois as “oportunidades estão aí” e “o sucesso está ao alcance de todos”). Sistemas econômicos, orientados pela trama surda de realização do capital, interrompem, invariavelmente, a mobilidade de parte significativa do corpo político, dos corpos que compõem o político e o geopolítico, sustentando, contrariamente, a ideia de que a liberdade está dada e as possibilidades estão aí em aberto, que a transposição de obstáculos é uma mera questão de decisão, esforço e empreendimento. Desse modo, deixam indicado que o abismo social que se impõe em uma sociedade marcadas por desigualdades não é fruto de arbitrárias decisões políticas, historicamente favoráveis às elites, mas sim resultado de decisões individuais, indicando que o “pobre merece seu destino” ou que há uma “destinação à pobreza” etc. Os corpos encontram-se impedidos de mobilização, de deslocamento no espaço urbano, no estrato social – sob estado de sítio<sup>7</sup>. Ora, a ideia de evasão alude, nesse

---

<sup>7</sup> A “ética da alteridade” proposta por Levinas é pensada através da subjetividade destituída de si, retirada de seu lugar, de-situada, retirada de seu sítio, de-sitiada. Seguindo a mesma frequência, a in-submissão evoca o rompimento de (ou a vigília contra) um estado de sítio, um estado de exceção que se ampara e se arma pela e na ontologia.

sentido, a uma certa trama do político, uma vez que pode servir de “chave de leitura” para traduzir a condição material dos corpos (e do corpo político), que se encontram trancados em um determinado status quo, sem qualquer incentivo efetivo à mobilidade ou mesmo impedidos de se movimentarem, despidos de seus direitos os mais básicos, reféns do mercado-sem-mais, mercado desprovido de rostos que possam lhe fazer frente, a exigir a espera e o por-vir. O acesso está vetado, as portas estão trancadas. Não há acessibilidade, mobilidade, mobilização etc. As portas e as janelas estão fechadas. Os jovens seguem morrendo, as crianças... No Brasil, em especial, os jovens da periferia (“CPFs cancelados”). Paraisópolis está por toda parte! Os muros também (visíveis ou não). Os “guetos” sangram à luz do dia e da razão.

A inteligibilidade da totalidade (e do totalitarismo de igual modo, pois não se pode dissociar essas duas “realidades”; assim como não se pode dissociar o ser de totalidade), que diz respeito ao que foi dito acima, remete a uma condição dramática para os seres, quer dizer, a aderência servil, silenciosa, constrangedora e intransponível na relação que se dá com o ser, e que atesta a impossibilidade da transcendência em meio ao mundo (inamovibilidade). Em seu *Discurso da servidão voluntária*, La Boétie diz o seguinte: “A primeira razão pela qual os homens servem voluntariamente é terem nascido servos e assim terem sido criados.” (p. 48). Nossa condição dramática – inamovível – é, também, o efeito de uma complexa trama de violência que não se explica apenas pela servidão ou pela escravidão hereditária pura e simplesmente, mas também se herda forçosamente por um aparato hegemônico, ideologicamente dominante, que se dissemina pela educação, pela cultura, pela epistemologia, pelas relações de poder etc. Por sua vez, para lembrar Marx em *O Capital*, poderíamos dizer sobre a presença uma “coerção muda”, “exercida pelas relações econômicas sela o domínio do capitalista sobre o trabalhador.” (MARX, 2011, p. 808); maquinaria da dominação, de economia da violência econômica e cultural. Por que a submissão? Por que aceitamos nossa própria miséria? A totalidade ou o espectro de uma totalidade (ou de muitas) nos ronda. A noção de inamovibilidade aludida em *De l'évasion*, a qual também poderíamos chamar de “desmobilização”, é proposta como instrumento na composição de estratégias de dominação por meio da política – como deixa indicado Levinas, por exemplo, em “Liberdade de palavra”<sup>8</sup>. A inamovibilidade,

---

<sup>8</sup> Em 1957, Levinas publicou na revista *Les Lettres Nouvelles* um brevíssimo texto – que posteriormente veio a compor *Difficile liberté* – intitulado “Liberdade de palavra”, cujas linhas mencionavam a situação limite do empalidecer da sinceridade das palavras produzida no stalinismo. Em meio à nuvem do discurso totalitário carregada de promessas, mistérios e infalibilidade mítica, o absurdo das contradições dissolvia-se de modo ininterrupto e o real seguia obliterado. O protagonismo dessa situação limite, a vertigem

que se faz preservar pela perda da palavra, remete a uma condição de *tranquilo silêncio*, à maneira do que é testemunhado por um *Sonderkommando*, no documentário *Shoa* (1985), de Claude Lanzmann – em meio à aniquilação sistemática do outro, da abolição do tempo, do extremo do sofrimento inútil, do absurdo sem saída, percebe-se o mundo em sua tranquilidade cotidiana, funcionando ordeiramente – ou à ideia de um *doce estado de exceção*. Isto é, em meio a esmagadora ordem violenta do mundo é possível afirmar que “tudo vai bem”, que “as instituições estão funcionando normalmente” etc. Eis um possível estado improfanável das coisas, *staus quo* da submissão.

A pergunta que nos cabe é: é possível dizer “não” a essa condição que se inscreve no horizonte, a essa “bolha ontológica”? É possível um “não” como pretendia Thoreau? É possível profanar esse *aí das coisas* que se mostra improfanável? É possível o “além

---

intelectual que se desdobrou dessa farsa filosófica, desse jogo de cartas conduzido por exímios trapaceiros fez vir à tona, outrora com o stalinismo (mas não apenas com ele), a totalidade revestida das potências da noite, e anunciou, aos gritos e em meio a eles, a falta de sentido da história, especialmente para os que nela não estavam engajados, a saber, todas as pessoas que no trem da história foram (e são) retiradas à força de seus lugares e transformadas em carga, coisa, ferramenta, lucro, óbice, cinzas, nada. O processo de desestalinização, diz Levinas em seu texto de 1957, colocou em evidência a ingerência de uma instrumentalização que perpassou toda uma experiência coletiva e ocasionou o descrédito absoluto da linguagem e de sua possibilidade de narrar minimamente a singularidade do mundo, fazendo com que as palavras, ao invés de anunciarem, testemunharem, fossem apresentadas como sintomas ou superestruturas de ditos quaisquer, vazios, soturnos, arbitrários, sem vislumbrar nenhum despertar ou justiça porvir. Por certo, os apontamentos feitos por Levinas em “Liberté de parole” não fazem referência aos desdobramentos de uma experiência histórica e política singular tão-somente, mas sinalizam todo um campo de significação no qual se insere o totalitarismo como um sistema de dominação, que abrange, pode-se dizer, todas as expressões contemporâneas da barbárie – e aquelas que flertam com ela – em que a palavra é calada. Trata-se, antes de mais nada, de um fenômeno de domesticação e de opressão das massas pela via política da exceção. O horizonte onde se consolida o fenômeno totalitário engendra uma realidade de imagens, de ficções fantasmagóricas e de alegorias ameaçadoras a partir das quais todos e todas terminam por se encontrar atados, trancados, amordaçados – tal qual um ter-que-ser – sob o medo, a ignorância e o ódio, não sendo permitida que qualquer suspeita, que ouse elevar a voz ou colocar-se de pé, tenha força para deslizar sobre o sonho fabricado por esses gênios malignos e enganadores e, assim, trazer o dia e iluminar, mesmo que de modo frágil, as silhuetas das verdadeiras coisas, mais para lá da turva consciência que se crê lúcida, justa, honesta e com as mãos limpas. Em meio a esse estado de sítio toda tentativa de se cortar o nó que amarra as cartas já marcadas sobre a mesa reestabelece a mesma trama de continuidade. Não há descanso ou sono para os que seguem viagem nesse trem da história, obliterado de fala e enraizado na náusea e no sofrimento inútil. Noite de eterno retorno! Noite que é percebida pela criança como temor e desamparo, ameaça que advém de um mundo sem alimento, morada e contato. Mundo sem fecundidade! Não há saídas ou como se esconder dessa fatalidade que expõe a própria brutalidade do ser, como diz Levinas em *De l'évasion*. Para Levinas, o fio contínuo dessa admiração – confusão sistêmica e endêmica – repousa sobre os braços alados e inebriantes da ontologia, sobre a conservação da imposição de que existir é estar referido a si, atado a si mesmo, obstrução do recuo diante daquilo que sufoca – mundo sem portas ou janelas, mundo sem oportunidades, mundo de miséria. A inamovibilidade, que aqui chamo de “desmobilização” e que acaba por se converter em uma estratégia central de dominação pela política, traduz-se como o sintoma do esgarçamento das relações interpessoais e de seus atos de fala no âmbito da coletividade, no espaço destinado à palavra, isto é, o público, a praça. Onde não há mais crença ou fé nas palavras, onde não se pode mais falar ou nenhum discurso é crível – salvo aquele que se coaduna com o sistema –, é impossível romper com o infinito da mentira e desvencilhar-se de todos os seus grilhões – o totalitarismo se instala. Onde a palavra perde a palavra não há mais porvir e não há mais política. *É preciso palavra, aliás.*

da essência”? É possível escapar à sagrada trama do ser? Por certo, há resistência e ânsia de abertura.

*De l'évasion* deixa indicado que o pensamento de Levinas se atém a uma herança que convida à mobilização e, portanto, à in-submissão; e, é preciso dizer, que a in-submissão se faz marcar por uma difícil responsabilidade, que atravessa toda sua obra, responsabilidade im-possível. O “não” não se assemelha, em absoluto, ao “não” de Thoreau, porque inverte-se em Levinas o lugar da primazia da consciência – mas ainda há “não” e há apelo por justiça. *Somos*, diz Levinas, *responsáveis por tudo e por todos, e eu mais que os outros*; indicação de uma responsabilidade por “aquilo que de todas as partes me incumbe, me olha [*me regarde*] nos dois sentidos do termo, me acusa, me diz respeito.” (AE, 147). E é preciso destacar que tudo me diz respeito “sim”, duplo sim. Responsabilidade sem esquivas, e sem horizonte – é importante aqui nos atermos a ideia de rosto e, também, à ambiguidade relacionada ao passo de obrigação, “pas d’obligation”, se é que há um passo de obrigação. Quem obriga? Quem acusa? Alguém, ninguém... responde-se. Somos todos responsáveis. Mas retomo a pergunta: a(o) que(m) respondemos e dizemos “sim”, “não”? Escapa-se à contaminação do ser? A partir da leitura de “Violência e metafísica” eu diria que não se escapa. Mas é preciso fazer atenção à ideia de responsabilidade ou à antiguidade do “sim”.

O pensamento de Levinas expõe a ideia de que algo (infinito) se infiltra subversivamente na ordem das palavras e das coisas, para além do bem e do mal – “in” do in-finito –, o que diz respeito à concretude da relação com outrem, à responsabilidade (Cf. *De Dieu qui vient à l'idée*). Em *Quatre lectures talmudiques* Levinas diz sobre essa “infiltração”, que seria um pacto com o bem que antecede a própria distinção e a alternativa do bem e do mal, do qual decorre a sutileza e a complexidade dessa difícil responsabilidade e de seu segredo, recusando-se à universalidade – e que faz alusão à justiça quando pensada “a três”. Trata-se de uma responsabilidade marcada por uma involuntariedade radical, que se traduz como *um-para-e-pelo-outro-sem-ter-escolhido-ser-para-e-pelo-outro*; “agir antes de compreender”, “*sim* mais antigo que a espontaneidade ingênua”, “antes do eu-que-se-decide”; significa não “fechar os olhos para [o] segredo do eu”. (QLT, 92; 106; 107). São expressões que também compõem *Autrement qu’être qu’être ou au-delà de l'essence*. Algo se infiltra no núcleo do Eu e desarma sua arbitrariedade ensimesmada. A subversão que se pode ler desde Levinas vincula-se ao segredo da responsabilidade, como uma espécie de desconstrução,

subjetividade destituída de si, retirada de seu lugar, de-situada, retirada de seu sítio, des-sitiada. Nesse sentido, a insubmissão é um gesto de des-sitiamento, de mobilidade, de insurgência, sob o deslocamento, entre outras coisas, da ideia de liberdade, mas sobretudo, da coincidência entre ser e pensar. O comentário talmúdico sobre o “pacto com o bem” faz menção ao assim chamado “outramente que ser”, ao que se descola das conexões com o ser (essência), da trama do idêntico, e, por conseguinte, sinaliza para um registro *estranho* no campo da moral e da política, pois toca a incondicionalidade. Em última instância, trata-se de um pacto com o que não se vê, prevê ou se antecipa: por-vir; pacto com uma spectralidade que, antes de mais nada, remete ao judaísmo, ao messianismo em um sentido muito específico. (Há uma outra temporalidade em jogo, em que o tempo e outro se pensam juntos, em que tempo *é* outro, outrem, tempo *e* outro). A esse propósito, é preciso lembrar que Levinas em *Totalité et infini* cita Rimbauld afirmando que *a verdadeira vida está ausente – mas, completa ele, nós estamos no mundo*. A escrita de Levinas posiciona-se contrária a toda ideia de presença e de realização. A verdadeira vida está ausente – e o próprio Deus (a que se deve a “honra original”) –, mas nós estamos no mundo, “responsáveis de Deus”. Os “responsáveis de Deus”, como diz Gide, ou os únicos, os sobreviventes, como diria Levinas, indicam uma estranha responsabilidade, sem fundamento, sem origem, anárquica; desprovida de um lugar; “sem socorros”. Trata-se de uma sabedoria da diáspora, do êxodo, do estrangeirismo, do deserto. Nesses termos, a obra de Levinas sugere um abalo (sempre mais antigo – imemorial – que o próprio gesto de firmar toda e qualquer base, estrutura ou alicerce) que desfaz-queimando o “lugar” (o “onde” e o “aonde”), a casa, o familiar, o sagrado e toda possibilidade do retorno que nisso se inscreve – trama da insubmissão-resistência-desobediência à ontologia, da qual se ocupa todo o percurso *narrativo* do “outramente que ser”, cuja inspiração está em Abraão, em sua trama de fecundidade (política). Abraão é, ele mesmo, e toda sua “espiritualidade” do “sem retorno”, a expressão da in-condição desse pensamento “nômade”, que se impõe como transcendência ou mobilização, sob abalo, profanação, insubmissão, resistência, desobediência, vandalismo, “consciência judaica”. Em “Heidegger, Gagarin et nous” lê-se:

*O sagrado que filtra através do mundo – o judaísmo não é, talvez, senão a negação disso. Destruir os bosques sagrados – compreendemos agora a pureza desse pretendido vandalismo. O mistério das coisas é a fonte de toda crueldade em relação aos homens. (DL, 325)*



O *autrement qu'être* exige-nos a profanação. É preciso a profanação, destruir os bosques sagrados (imersos em seu paganismo), vandalizar aquilo que em *nome de um mistério*, de uma comunhão mística torna-se abertura de precedente para o assassinato e toda sorte de violência – e o enraizamento dessa possibilidade para Levinas habita a ordem do ser, “o encadeamento mais radical, o mais irremissível, o fato de que o eu é si-mesmo.” (DE, 98). A insubmissão é um gesto de profanação do ser, da totalidade, da inamovibilidade, do *status quo*; o *outramente que ser*, ao qual se refere Levinas, exige tal insubmissão, que em última instância é a recusa à metafísica da presença. Por sua vez, o improfanável não é uma questão abstrata, mas diz respeito a toda sorte de in-condições às quais estamos submetidos obedientemente, sutilmente ou não. E não há como tratar seriamente a questão da responsabilidade, e, conseqüente, a ética e a política, sem se levar em conta o fato de que habitamos o improfanável, e de que “é preciso” uma escavação que permita trazer à superfície os elementos obliterados em nossos encadeamentos de si a si, atados pela força que tudo aplaina e tudo torna um e que nos impende de “ver” com outros olhos aquilo que o coração pode escutar. (Abster-se do esforço de reconhecimento de que há algo a se profanar consiste em correr o risco de nos tornarmos abominações políticas, éticas e cognitivas, para lembrar Marilena Chauí) Em *Dar a morte* Derrida diz que “não há responsabilidade sem ruptura dissidente e inventiva com a tradição, a autoridade, a ortodoxia, a regra ou a doutrina” (DERRIDA, 2013, p. 41). Nesse sentido pode-se pensar a insubmissão como uma espécie de dar a morte, um afirmar a espectralidade das coisas. Abraão é quem dá esse primeiro “passo de obrigação”, em um movimento que se inclina à palavra do estrangeiro – tornando-se ele mesmo estrangeiro, sem-terra, retirante, (i)migrante, entre outras “alegorias” possíveis de alteridade – sob a ordem do acolhimento em um gesto que alude à justeza da justiça. A insubmissão é uma quebra do idêntico, âmbito do sagrado, das salvações religiosas, dos deuses domésticos, da primazia do lugar, da terra – e que pode se desdobrar, em termos políticos, em uma trama em que a palavra perde a palavra, a mobilidade se torna proibida e o gesto de oferecer alimento para quem tem fome passa a não mais ocupar o gesto último de toda espiritualidade. “Os responsáveis de Deus”, como diz Gide, os únicos, os sobreviventes, como diria Levinas, não compactuam com o silêncio, com a desmobilização e com a fome, isto é, não compactuam com a violência que se faz traçar no *status quo* da totalidade. Portanto, não compactuam “eles” com a não-política; com a idolatria que se amarra à trama do racional e impõe a invisibilidade a(o) que(m) é visível; com os

processos de marginalização, exclusão e extermínio pela via da exceção, obliteração da multiplicidade do real. “Os responsáveis de Deus”, os insubmissos, são o sal da terra, em cada “não”.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

DERRIDA, Jacques. *Dar a morte*. Coimbra: Palimage, 2013.

\_\_\_\_\_. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

GIDE, André. *Journal II : 1926-1950*. Paris: Gallimard. 1997.

LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo: Nós, 2016.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2016.

LEVINAS, Emmanuel. *L’Au-delà du verset. Lectures e Discours talmudiques*. Paris: Minuit, 1982. [Sigla: ADV]

\_\_\_\_\_. *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence*. La Haye: Martinus Nijhoff, 1974. [Sigla: AE]

\_\_\_\_\_. *Carnets de captivité et autres inédits, Oeuvres 1*, Paris: Grasset/IMEC, 2009. [Sigla: OEC 1]

\_\_\_\_\_. *De Dieu qui vient à l’idée*. Paris: Vrin, 1998. [Sigla: DVI]

\_\_\_\_\_. *De l’évasion*. Montpellier: Fata Morgana, 1982. [Sigla: DE]

\_\_\_\_\_. *De l’existence à l’existant*. Paris: Vrin, 1998. [Sigla: DEE]

\_\_\_\_\_. *Difficile liberté: essais sur le judaïsme*. Paris: Albin Michel, 1963. [Sigla: DL]

\_\_\_\_\_. *Entre nous: essai sur le penser-à-l’autre*. Paris: Grasset & Fasquelle, 1998 [Sigla: EN]

\_\_\_\_\_. *Quatre lectures talmudiques*. Paris: Minuit, 1976. [Sigla: QLT]

\_\_\_\_\_. *Quelques réflexions sur la philosophie de l’hitlérisme*. Paris: Rivages, 1997. [Sigla: QRPH]

\_\_\_\_\_. *Totalité et infini: essai sur l’extériorité*. La Haye: Martinus Nijhoff, 1974. [Sigla: TI]

MARX, Karl. *O Capital*. Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2011.

NASCIMENTO, Milton; BORGES, Lô; BORGES, Márcio. Clube da esquina n. 2.  
In: *Clube da esquina*. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1972.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Du contrat social*. In: *Œuvres Complètes*. Tomo III. Paris: Pléiade, Gallimard, 1964.

SHOAH. Direção de Claude Lanzmann. (Parte 1) França, 1985. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=Ccl7LOOoqe4>. Acesso em: 21 set. 2019. (146 min.)

THOREAU, Henry David. *Desobediência civil*. São Paulo: Edipro, 2016.

TIMM DE SOUZA, Ricardo. *Adorno & Kafka: paradoxos do singular*. Passo Fundo: IFIBE, 2010.